Francesc Queixalós

(Centre National de la Recherche Scientifique,
França/Núcleo de Tipologia Linguística, UnB/Brasil)

Tipologia da interação entre pessoa e voz, com ênfase em Sikuani e Katukina-Kanamari¹

ABSTRACT: Voice alternations respond to two motivations, functional and formal. Cross-linguistically, such grammatical phenomena appeal to a number of formal devices. The principal motivation may be functional, as in the demotion of a negligible/concealed core participant, or formal, as in promotion for accessibility. Of course, the latter cannot take place unless another participant is demoted. A prominent device for achieving voice alternation (and one of the formally simplest) consists in intervening in the coding of the participant to be demoted – particularly, provided there is a sufficient explicit verb morphology –, by manipulating the referentiality of person markers. As shown in the two languages in focus here, as well as in a small sample of others, person manipulation is an adequate tool for achieving voice changes, independently of the basic argument alignment or the type of motivation inducing the derived voice.

KEYWORDS: Voice; Alignment; Amazonian languages; Sikuani language; Katukina-Kanamari language; Linguistic typology.

RESUMO: As mudanças de voz respondem a duas motivações, funcional vs. formal. Interlinguisticamente, tais fenômenos gramaticais recorrem a uma variedade de dispositivos formais, seja a motivação principal ora funcional, como é a demissão de um participante prescindível embora em si central na estrutura semântica do verbo, ora formal como é a promoção com fins de acessibilidade. Obviamente, uma promoção não pode acontecer sem uma demissão concomitante. Um dispositivo predileto – e um dos mais simples formalmente – consiste em intervir sobre a codificação do participante a ser demovido, particularmente, tendo o verbo uma morfologia o suficientemente explícita, graças à manipulação da referencialidade das marcas de pessoa. Como ilustram as duas línguas a serem abordadas em este texto, além de uma pequena amostra de outras, a manipulação da pessoa é uma ferramenta amplamente adequada para servir às mudanças de voz, independentemente do alinhamento básico dos argumentos e do tipo de motivação que induz a voz derivada.

PALAVRAS-CHAVE: Voz; Alinhamento; Línguas amazônicas; Sikuani; Katukina-Kanamari; Tipologia linguística.

---

¹ O presente texto é uma versão expandida e corrigida de Queixalós (2014).

1. Introdução

A construção da pasiva canônica em línguas europeias passa por processos formais complexos (codificação dos participantes, “desfinitização” do verbo e intervenção de um auxiliar). O intuito deste trabalho é mostrar dois exemplos sul-americanos de parcimônia extrema no uso da morfologia verbal com fins de construção de vozes não básicas. Nos dois casos, o verbo transitivo satura a posição morfológica própria à expressão da pessoa do agente por meio de uma forma não referencial. As línguas fornecedoras dos dados são o Sikuni (família Guahibo, Médio Orenoco, abreviado Sik) e o Katukina-Kanamari (família Katukina, afluentes meridionais do Solimões, abreviado Kat). A primeira é uma língua nominativo-acusativa, a segunda absolutivo-ergativa. Delas examinarei, respectivamente, as construções passiva e antipassiva. O texto é organizado da seguinte forma: após a apresentação dos dois perfis tipológicos – insistindo sobre os aspectos relativos à estrutura argumental e às relações gramaticais –, compararei as construções passiva do Sik e antipassiva do Kat; com isso, tenciono mostrar quão paralelas elas são em termos morfológicos, a pesar de sua radical simetria – decorrente dos alinhamentos básicos – em termos de sintaxe; concluirei mencionando outras línguas com mecanismos comparáveis que, junto com as duas consideradas em este estudo, desvendam alguns dos alicerces funcionais da voz.

2. Perfis tipológicos

Além dos alinhamentos, as duas línguas contrastam nos seus padrões preferenciais de construção das palavras, sendo Sik nitidamente aglutinante, enquanto Kat tende ao tipo isolante. A distinção entre duas classes lexicais, uma de nomes e outra de verbos, é nítida nas duas línguas, embora Sik possua uma subclasse de verbos com várias propriedades de índole nominal. Em Sik, e de igual maneira em Kat, os verbos têm vocação a instituir predicados. Os nomes também. Destarte, as predicções nominais se fazem sem cópula, com a ressalva de que Kat tem uma cópula para a predicção existencial. A posição de argumento é preenchida naturalmente pelos nomes. Quando verbos devem ocupar a posição de argumento, eles são nominalizados mediante mecanismos complexos em Sik, e mais simples em Kat.

A presença de uma classe lexical de adjetivos é duvidosa em Kat, clara em Sik, embora pobre (menos de duas dezenas). A classe lexical dos nomes se subdivide em monovalentes e divalentes (isto é, “alienáveis” e “inalienáveis”, respectivamente), com marcação de “posse” mais complexa para os monovalentes que para os divalentes. É bem mais complexa em Kat que em Sik. Os verbos se classificam também em monovalentes e divalentes, mais uma classe de trivalentes em Sik, inexistente em Kat. Há verbos genuinamente auxiliares em Sik, e verbos lexicais em posição de auxiliar nas duas línguas. Sik é mais prolífero que Kat no que diz respeito aos mecanismos de auxiliarização. A constituição é extremamente rígida em Kat, bem menos em Sik. Ambas as línguas apresentam incorporação nominal no verbo, e construções aplicativas. Sik, porém, de modo muito mais profuso que Kat. A construção causativa é sintática em Kat, e também morfológica. Ela se faz em Sik de um modo intermediário entre sintaxe e morfologia: por meio da auxiliarização. Por fim, as categorias de tempo-aspecto-modo são expressas por partículas dos dois lados, assim como, em Sik, mediante flexão verbal e auxiliarização.

A seguir apresento as propriedades básicas dos domínios concernentes à estrutura argumental, alinhamento e relações gramaticais sujeito e objeto. Como já disse, Sik é uma língua nominativo-acusativa – com traços de ergatividade ubíqua (Queixalós 2013), não pertinente ao que nos interessa aqui. Kat é uma língua absolutivo-ergativa. Ela pertence ao subtipo – pouco frequente no mundo, mas não raro na Amazônia (Queixalós & Gildea 2010) – das línguas ergativas homogêneas, isto é, sua morfologia e sua sintaxe seguem o mesmo padrão de alinhamento ergativo. Observaremos, porém, que ela apresenta uma construção, marcada funcionalmente, de cunho nominativo-acusativo. Para mais detalhes sobre Sik, ver Queixalós (1998, 2000). Sobre Kat, Queixalós (no prelo a & b) e Silva (2011).

2.1. Codificação

As duas línguas têm, em grau diferente, morfologia argumental no verbo.

2.1.1. Sik

Os verbos divalentes têm morfologia para os dois argumentos, sufixos para agente e prefixos para paciente.² A terceira pessoa carece de realização fonológica.

(1) **ne-hunata-me**

1ACUSATIVO-chamar-2NOMINATIVO

‘tu me chamas’

Sintagmas nominais correferenciais com os afixos argumentais podem aparecer,³ ambos desprovidos de marca de caso. A ordem menos marcada é com o paciente precedendo imediatamente o verbo, e o agente antes do paciente.

(2) **Nusalia₁**

Nusalia

‘Nusalia fez yopo’⁴

dopa₂

yopo

o₂-exana-o₁

3ACUSATIVO-fazer 3NOMINATIVO

(3) **o-exana-o**

3ACUSATIVO-fazer-3NOMINATIVO

‘ele o fez’

² Obviamente dou aos papéis semânticos denominações baseadas em critérios de prototipicidade. Os verbos trivalentes conservam as mesmas duas vagas na morfologia verbal. O prefixo de acusativo codifica o participante destinatário.

³ Não há base para considerar esses afixos como concordância. No exemplo anterior eles não concordam com nada.

⁴ Pó de origem vegetal, com virtudes alucinógenas quando inalado.

A posição pós-verbal é também frequente para o sintagma nominal que expressa o paciente, mas bem menos para o sintagma agente.

Os verbos monovalentes têm os sufixos para o argumento único coocorrendo opcionalmente com um sintagma nominal correferencial à sua esquerda, desprovido de marca de caso.

- (4) **mahita-tsi**   **tahabotha**
 dormir-4NOMINATIVO   NaMinhaCasa
 ‘nós (incluindo tu) dormimos na minha casa’

- (5) **Nusalia₁**   **mahita-ø₁**   **tahabotha**
 Nusalia   dormir-3NOMINATIVO   NaMinhaCasa
 ‘Nusalia dormiu na minha casa’

A seguir os paradigmas de afixos pessoais associados aos verbos.

(6)	acusativo	nominativo
1	ne-	-hũ⁵
2	ka	-me
3	Ø-	-Ø
4	naka-	-tsi

Seguem algumas observações sobre os paradigmas. A “quarta” pessoa, basicamente primeira plural inclusiva,⁶ tem, como veremos, características gramaticais peculiares que justificam a necessidade de uma denominação particular. Os nomes exibem também prefixos e sufixos pessoais, porém de forma fonológica diferente na primeira e segunda pessoa (e quarta para o prefixo). Prefixos marcam “posse”. Os paradigmas são diferentes para nomes monovalentes – posse propriamente dita – e divalentes. Sufixos, como nos verbos – mas de paradigma diferente –, marcam argumento, primeira **-nũ**, segunda **-mũ** e terceira não realizada. Essas formas ocorrem não só nos nomes em posição de predicado, mas também com a classe dos verbos com propriedades nominais mencionada acima, e na forma negativa de qualquer verbo. O plural de todos os afixos de primeira e segunda pessoa – acusativa, nominativa e adnominal – se faz acrescentando um prefixo mais externo **pa-**.

Concluimos que na oração básica Sik há um argumento nominativo e um argumento acusativo, ambos com codificação na morfologia verbal e, sob condições de correferência, como sintagmas nominais. Indícios indiretos apontam para a posição do sintagma nominal acusativo como sendo interna ao sintagma verbal (Queixalós 2000).

⁵ **ũ** é uma vogal alta posterior não arredondada, [u].

⁶ “Primeira plural inclusiva” é um modo frequente, porém levemente inadequado, de designar uma pessoa que, no fundo, não é mais primeira (1+2) do que segunda (2+1). É comum que se uma língua apresenta a distinção de clusividade, o inclusivo tende a se expressar mediante uma forma original, e o exclusivo mediante uma forma derivada do singular de primeira (Hagège 1982). É o caso do Sik (mas não do Ainu, cf. Shibatani 1985). A originalidade formal do inclusivo é um indicio de que os falantes não concebem essa pessoa meramente como o plural de outra coisa, à diferença da segunda plural ou da primeira plural exclusiva. Daí minha glosa como *quarta pessoa* (obviamente em um sentido diferente da quarta pessoa do quechua e de algumas línguas da América do Norte).

2.1.2. Kat

Os verbos divalentes têm morfologia para um único argumento: o participante agente se realiza recorrendo ao paradigma de prefixos pessoais.

- (7) **a-ohoman**   **adu⁷**
       3ERGATIVO-chamar   1SINGULAR
       ‘ele me chamou’

Sintagmas nominais que expressam o agente e/ou o paciente podem aparecer. O primeiro ocorre dentro do sintagma verbal, de forma mutuamente exclusiva com o prefixo pessoal e associando-se a uma marca de caso. O segundo vem depois e fora do sintagma verbal, sem marca de caso explícita.

- (8) **Kontan-na=⁸**   **ohoman Owi**
       Kontan-ERGATIVO=   chamar   Owi
       ‘Kontan chamou Owi’

Verbos monovalentes não têm morfologia argumental. Coocorrem opcionalmente com um sintagma nominal à sua direita, que expressa o argumento único.

- (9) **daan**   **piya**
       ir   homem
       ‘o homem foi embora’

A posição pré-sintagma verbal é possível para o sintagma nominal codificando o paciente ou o argumento único. O outro sintagma não tem liberdade de movimento sem perder sua posição de argumento.

A seguir, o paradigma de prefixos pessoais.

(10)	singular	plural
1	yo-	tyo-
2	no-	na-⁹
3	a-	ma-

⁷ **u** é uma vogal alta posterior não arredonda, [u̠].

⁸ A notação {...-x= ...} indica que o elemento **x** está fonologicamente ligado ao elemento imediatamente subsequente, mas seu hospedeiro gramatical é o elemento imediatamente antecedente. Em outras palavras, restituo nos exemplos a estrutura gramatical dos sufixos que, devido à adjacência, aparecem procliticizados. Além do ergativo, **-na=** marca o genitivo e o “objeto” de posposição. Uma forma unitária de nomear este clítico poderia ser *caso marcado*. Para o sintagma nominal interno ao sintagma de verbo divalente conservo, porém, a denominação *ergativo* com vistas à clareza da exposição.

⁹ Um parecerista anônimo alerta que este prefixo não existe. Agradeço a observação: a presença desta forma em (10) poderia, em efeito, decorrer de uma análise inadequada da sequência **idi:ki** (pronomes livre de segunda plural) + **na** + verbo divalente, em que **na** seria marca de caso.

Observações. A primeira pessoa tem alomorfismo. A pessoa do argumento único ou paciente se expressa mediante pronomes livres que instituem um sintagma nominal. Um exemplo aparece em (7). O paradigma em (10) serve também para marcar a pessoa em nomes divalentes (“inalienáveis”). A posse com nomes monovalentes se constrói de maneira complexa, com um nome genérico relacional intermediando as expressões do possuidor e do possuído (Queixalós no prelo b).

Em síntese, na oração básica Kat há um argumento absolutivo e um argumento ergativo, o segundo ora com codificação na morfologia verbal ou como sintagma nominal. O sintagma nominal ergativo é claramente interno ao sintagma verbal. O sintagma nominal absolutivo é externo e pode ser elidido (*pro*).

A construção divalente apresenta uma cisão. Com um argumento paciente genérico, lança-se mão de uma estrutura de alinhamento acusativo: o verbo carece de morfologia pessoal, o participante agente se expressa em um sintagma nominal pós-verbal, o participante paciente aparece como sintagma nominal interno ao sintagma verbal, e nenhum dos dois sintagmas é portador de caso explícito. Compáre-se (11) com a construção monovalente em (9), e com a construção divalente de alinhamento ergativo (8).

- (11) **barahai**   **tukman** **Mayon**
       CarneDeCaça   Cortar   Mayon
       ‘Mayon cortou carne de caça’

2.2. Sintaxe

Aqui dou algumas indicações sobre os alinhamentos tal como eles se revelam nas operações que afetam a forma da oração básica ou no controle da correferência. No domínio da sintaxe, a existência de assimetrias que *hierarquizam* os argumentos indica a presença, nas duas línguas – porém em graus diferentes – das categorias *formais* de sujeito e objeto (relações gramaticais). Para mais detalhes, ver as referências mencionadas na introdução à seção 2.

2.2.1. Sik

Um procedimento linguístico comum para introduzir e identificar um referente que vai desempenhar o papel de participante na maneira de existir descrita pelo predicado é fazer uso de sintagmas nominais. Tratando-se, no nível da estrutura informacional, do referente sobre o qual o falante tenciona orientar a informação contida no predicado e em outros possíveis componentes da oração – o “tema” nos termos da escola de Praga –, podemos chamar tal procedimento de *tematização*. A necessidade de efetuar a tematização de maneira enfática faz com que o sintagma nominal seja sinalizado com alguma peculiaridade formal (marca morfemática ou prosódica, posição sintagmática). Essa operação de *sobretematização* – distinta do foco contrastivo – é realizada em Sik colocando o sintagma nominal em posição inicial da sentença e acrescentando-lhe a partícula **baitsi**. Quando, em uma construção divalente, os dois participantes são de terceira pessoa, a sobretematização seleciona obrigatoriamente o argumento nominativo.

- (12) **newüthü₁**   **baitsi**   **tsala**   **ø-xane-ø₁**
 onça   SOBRETEMATIZADOR   PorcoEspinho   3ACUSATIVO-comer-3NOMINATIVO
 ‘concernente à onça, ela come o porco espinho’

- (13) **nakua₁**   **baitsi**   **nahumetsiana-ø₁**
 mundo   SOBRETEMATIZADOR   retumbar-3NOMINATIVO
 ‘concernente ao mundo, ele vai retumbar’

De modo preferencial, o referente não realizado em uma oração subordinada seleciona como antecedente o argumento nominativo da oração matriz.

- (14) **Palupaluma₁**   **ø₂-ewetabiaba-ø₁**   **pexi₂**   **baha...**
 coelho   3ACUSATIVO-TomarContaDe-3NOMINATIVO   crianças   ACONTECIDO
 ‘Coelho tomava conta das crianças...’

- ...itsa**   **ponabiaba-ø₁**   **Newüthühawa**   **beria**
 quando   IrComFrequência-3NOMINATIVO   CasaDaOnça   NaDireçãoX
 ‘...quando ele ia na Onça’

- (15) **itsa**   **tsewa-ø₁**   **baha**   **atuxuhibi-ø₁**   **baha**
 quando   secar-3NOMINATIVO   ACONTECIDO   NãoTerCheiro-3NOMINATIVO   ACONTECIDO
 ‘quando seca ele não tem mais cheiro’

O argumento nominativo Sik é sintaticamente proeminente no que tange à sobretematização e ao controle da coreferência. Tem, desta forma, propriedades de sujeito.

2.2.2. Kat

Como vimos, o sintagma nominal ergativo é interno ao sintagma verbal, e o argumento absolutivo é externo. Além da capacidade de elisão e movimento mencionados acima, este último tem privilégios sistemáticos sobre o argumento ergativo nos mecanismos sintáticos enumerados a seguir: acessa 1) a combinação com, ou substituição por, formas demonstrativas, 2) a coordenação, 3) a interrogação, 4) a relativização, 5) a focalização contrastiva, 6) a nominalização orientada, e 7) o status de antecedente de certas formas anafóricas intra e extra-oracionais realizadas como zero fonológico. Forneço a seguir dois exemplos desse conjunto de fatos, focalização, (16)-(17), e controle da coreferência, (18)-(19).

- (16) **wiri**   **na**   **tyo-ikihak**
 queixada   FOCO   1PLURAL-flechar
 ‘é a queixada que nós flechamos’

- (17) **waro**   **kana**   **kitan-nin**
 papagaio   FOCO¹⁰   dormir-DURATIVO
 ‘é o papagaio que está dormindo’

¹⁰ Na e kana são duas variantes do mesmo morfema. Não está claro se há condições que determinem a escolha entre elas.

- (18) **koramaman-na=** **tohi:k** **nuk₁...**
 cobra-ERGATIVO olhar grupo
 ‘a cobra olhava o grupo [de mulheres]...’

...pok-nin **bapo-nin** **Ø₁** **kotyia-na=** **katu**
 transar-DEPENDÊNCIA¹¹ terminar-DEPENDÊNCIA lontra-CASOMARCADO= COMITATIVO
 ‘...enquanto elas terminavam de transar com a lontra’

- (19) **tona** **ityarookpu₁** **Nodia-na=** **wu-tu-nin** **Ø₁**
 IrEmbora menina Nodia-ERGATIVO= querer-NEGAÇÃO-DEPENDÊNCIA
 ‘a menina foi embora porque Nodia não a quer’

O argumento absolutivo Kat é sintaticamente proeminente. O argumento nominativo da construção acusativamente alinhada partilha essas propriedades, por exemplo, o controle da correferência.

- (20) **tukuna** **buhuk** **Tamakori₁** **tona-nin** **Ø₁** **ama**
 SerHumano fazer Tamakori IrEmbora-DEPENDÊNCIA FINALIDADE
 ‘Tamakori criou os humanos para poder ir-se embora’

Em síntese, o argumento absolutivo da construção ergativa, o argumento nominativo da construção acusativa, e o argumento único do verbo monovalente têm as mesmas características de codificação e constituição, assim como os mesmos privilégios de comportamento e controle. As três últimas características – constituição, comportamento, controle – os instituem como a categoria formal de sujeito. Os argumentos ergativo e acusativo, ou seja os não sujeito das duas construções divalentes (com papéis semânticos de agente e paciente, respectivamente), entram na categoria formal de objeto direto.

3. Voz

Aqui introduzo brevemente a noção de voz, delimitando seu domínio em relação a outros domínios conexos, mas não idênticos, para depois examinar, munido dessa ferramenta, as manifestações da voz nas duas línguas sob escrutínio.

3.1. Uma definição

A existência do fenômeno voz em uma língua pressupõe a existência concomitante de uma estrutura argumental dos predicados que inclua, além dos níveis de codificação, papéis semânticos e hierarquia temática (informacional) dos participantes,¹² o nível

¹¹ Há um elo diacrônico entre o **-nin** durativo e o **-nin** que marca a dependência.

¹² Talvez não seja inútil, neste ponto, a explicitação de dois detalhes terminológicos. 1) Meu uso de *tema* e *temático* diz estritamente respeito à estrutura informacional. As diversas maneiras de existir dos participantes no estado do mundo descrito por um predicado chamo de *papéis semânticos*. 2) O qualificativo *formal* (já apareceu umas quatro vezes neste texto) está estritamente relacionado ao conjunto de propriedades estruturais que identificam uma construção ou uma categoria. Ele não se vincula à noção de “formalização” como paleta de convenções terminológicas e notacionais que vários modelos teóricos adotam como centrais em sua interpretação da estrutura linguística.

das relações gramaticais, ou seja, as categorias de sujeito e objeto(s) como argumentos claramente hierarquizados na sintaxe. A presença de voz é detectada a través de um tipo de mudança na estrutura argumental em que o vínculo entre o verbo e seu sujeito se torna diferente no que tange pelo menos a um dos três outros níveis da estrutura argumental: casos, papéis semânticos e hierarquia temática. A língua lakhota, por exemplo, não tem voz (Van Valin 1985), pois sua intransitividade cindida combinada com uma morfologia verbal profusa torna desnecessária a hierarquização dos argumentos na sintaxe. Esta definição, baseada na relação do verbo com seu sujeito, não passa de uma explicitação do conceito de voz como mudança na orientação gramatical do predicado (Lazard 1997). Ela vê a mudança de voz como um caso particular de mudança da estrutura argumental, aquela que modifica as propriedades do sujeito em sua relação ao predicado.

3.2. Sik: passiva

O exemplo a seguir tem a mesma estrutura do exemplo (2), que ilustra, em 2.1.1, uma construção transitiva:

- (21) **Nusalia**₁   **Hialai**₂   **ø₂-hunata-ø₁**
 Nusalia   Hialai   3ACUSATIVO-chamar-3NOMINATIVO
 ‘Nusalia chamou a Hialai’

O sufixo nominativo **-Ø** e o sintagma nominal **Nusalia** constituem a expressão do sujeito (cf. Steele 1989 sobre o lócus formal do sujeito e aqui, por extensão, do objeto).

De igual maneira, o prefixo acusativo **Ø-** e o sintagma nominal **Hialai** exprimem o objeto.

O participante Nusalia, agente-tema-nominativo-sujeito, pode ser eliminado da cena graças a um mecanismo simplérrimo: saturando a posição morfológica de nominativo com uma forma carente de referência.¹³ Esta forma não é outra senão o sufixo nominativo de quarta pessoa, **-tsi**, primeira plural inclusiva na sua acepção básica. Este sufixo apresenta um leque de ocorrências relacionadas com processos que subsumirei no vocábulo *desespecificação* (acarretando ora indefinição ora perda da referência). Esses processos tornam o sufixo uma ferramenta gramatical muito potente, resultando a mesma em 1) a radical eliminação do agente, e 2) seu corolário, a promoção sintática do paciente. A passiva Sik só é possível em contextos em que todos os argumentos são de terceira pessoa e o participante do argumento acusativo é alto em alguma escala de saliência (humanidade, animacidade, individuação, etc.).

- (22) **Hialai**₁   **ø₁-hunata-tsi**
 Hialai   3ACUSATIVO-chamar-4NOMINATIVO
 ‘a Hialai foi chamada’

¹³Mais exatamente, o que é eliminado é o participante agente ou único, daí a denominação *nominativo*.

A coindexação anotada em (22) mostra que o sintagma nominal **Hialai** correferente com o prefixo acusativo, sendo ambos a expressão do único argumento da nova construção.

Quando o falante quer reativar um referente já introduzido, mas cuja identidade se tornou precária, ora porque sua última menção está longe no discurso anterior, ora porque foram introduzidos no meio tempo vários outros referentes, ele coloca um sintagma nominal identificador em uma posição externa e posterior ao núcleo oracional (o predicado e seu(s) argumento(s)). Chamo esta operação de *retematização*. Ela serve também para introduzir um participante tardiamente – isto é, uma vez já fornecida a informação que, embora o envolva no plano semântico, não contém menção alguma dele que o identifique univocamente.

Na passiva Sik há uma possibilidade de se expressar o participante agente na forma de uma retematização, sem marcação morfológica. Devido à presença de uma marca não referencial na posição de sufixo verbal de nominativo, o sintagma nominal expressando o agente não mantém qualquer tipo de relação gramatical com o verbo.

- (23) **baha**   **pina**   **o₁-wahūnaecweta-tsi₀**   **itsamatakabi,**   **Newüthü₂**
 ACONTECIDO   REPORTATIVO   3ACUSATIVO-esperar-4NOMINATIVO   OutroDia   Onça
 ‘outro dia, dizem, ele era esperado, por Onça’

Antes de demonstrar que, a pesar da não promoção morfológica do paciente, a expressão do mesmo adquire propriedades formais de sujeito, é útil apresentar o leque de possibilidades expressivas que possui a forma **-tsi**, porque o conjunto das mesmas na sincronia constitui uma clara indicação do que pode ter sido o roteiro diacrônico da elaboração de uma voz passiva.

Como já foi dito, este sufixo é a expressão, na morfologia verbal, do argumento nominativo de primeira pessoa plural inclusiva.

- (24) **ekapona-tsi**
 andar-4NOMINATIVO
 ‘nós [1+2(+3)] andamos’

- (25) **petiriwa₁**   **o₁-tane-tsi**
 mulher   3ACUSATIVO-ver-4NOMINATIVO
 ‘nós [1+2(+3)] vimos a mulher’

Uma primeira generalização efetuada em cima do significado de **-tsi** é a indefinição do seu referente. Veja-se em (26) uma construção extraída de uma autobiografia:

- (26) **itsa**   **penakuetowayo-nü,**   **warapa-biaba-tsi**
 quando   criancinha-1NOMINATIVO¹⁴   IrDeUmCantoParaOutro-ITERATIVO-4NOMINATIVO
 ‘quando eu era criancinha, as pessoas levavam uma vida de nômade’

¹⁴ Forma pertencente ao paradigma da predicação nominal.

A segunda generalização consiste no **-tsi** indefinido ser aproveitado na construção obrigatoriamente honorífica de um verbo transitivo associado a um nominativo de primeira pessoa e um acusativo de segunda, (27). A construção regular, (28), é agramatical aqui, mas requerida na configuração simétrica – nominativo de segunda, acusativo de primeira –, (29).

(27) **ka-hitsipa-tsi**

2ACUSATIVO-querer-4NOMINATIVO

‘eu te amo [lit.: alguém te ama; mais lit.: nós [1+2(3)] te amamos]’

(28) ***ka-hitsipa-hü**

2ACUSATIVO-querer-1NOMINATIVO

(29) **ne-hitsipa-me**

1ACUSATIVO-querer-2NOMINATIVO

‘tu me amas’

A terceira generalização produz a perda de referência do participante. Em (30) se apresenta uma construção extraída de uma receita para aliciar as mulheres:

(30) **bihiatha**

o-sebaxuaba-tsi

mal

3ACUSATIVO-assar-4NOMINATIVO

‘mal se assa [o coração do beija-flor]’

É de se notar que a de-referenciação aqui já ultrapassa o simples status de acepção semântica: ela tem consequências formais na perda de concordância em número dos auxiliares de postura corporal.¹⁵

(31) **kahena**

mahita-rubena-tsi

bem

dormir-EstarPenduradoPLURAL-4NOMINATIVO

‘nós [1+2(+3)] dormimos bem [na rede]’

(32) **kahena**

mahita-ruka-tsi

bem

dormir-EstarPenduradoSINGULAR-4NOMINATIVO

‘se dorme bem [na rede]’

A passiva constitui, como quarta generalização, um passo além muito natural: o participante agente não tem referente, e destarte o participante paciente fica, por omissão, o único participante dotado de referência na construção. Comparando (25) com (22), observamos que a forma da oração passiva é idêntica à da oração transitiva básica provida de um argumento acusativo de terceira pessoa e um argumento nominativo de primeira plural inclusiva. A diferença entre ambas reside, no plano funcional, 1) na indisponibilidade na passiva de um agente plausível no contexto discursivo ou situacional; 2) na restrição, imposta à passiva, de o participante expresso pelo argumento acusativo ser alto em alguma hierarquia de saliência; e no plano formal, 1) na incapacidade do participante agente de ser instanciado por um sintagma nominal em posição inicial, (33), devendo o mesmo, se precisar, ocorrer como sintagma retematizado, (23).

¹⁵ O que poderia ser um indício de criação de uma passiva impessoal de verbo monovalente.

- (33) *Nusalia₁   Hialai₂   o₂-hunata-tsi₀
 Nusalia   Hialai   3ACUSATIVO-chamar-4NOMINATIVO
 ‘Hialai foi chamada por Nusalia’

A mais extrema – e quinta – generalização encontra-se nos verbos passivos impessoais divalentes. Eles constituem uma classe lexical cuja forma na oração é a do verbo divalente passivizado, porém 1) carecem de restrição sobre a saliência do participante paciente; e 2) é totalmente proscrita a instanciiação do participante agente, inclusive como retomatização. São verbos transitivos, inerentemente desprovidos de participante agente capaz de acessar a referência, que cobrem o campo semântico das afeções – tanto físicas quanto mentais – dos animados, e os processos de degradação material dos não animados.

- (34) Nusalia₁   o₁-romaeba-tsi₀
 Nusalia   3ACUSATIVO-DarMalária-4NOMINATIVO
 ‘Nusalia está com malária’

- (35) matsuka₁   o₁-pulumaba-tsi₀
 farinha   3ACUSATIVO-DarMofo-4NOMINATIVO
 ‘a farinha mofou’

Voltando à sintaxe da construção passiva, sabemos (*cf.* 2.2.1) que o sujeito em Sik tem acesso exclusivo à sobretematização e acesso privilegiado ao controle da correferência. Os dois exemplos a seguir mostram que o argumento único da passiva adquire essas propriedades.

- (36) Kawiri₁   baitsi   o₁-bihiana-tsi₀
 Kawiri   SOBRETEMATIZADOR   3ACUSATIVO-metamorfosar-4NOMINATIVO
 ‘concernente aos Kawiri, eles foram metamorfoseados’

- (37) baharapowa₁ o₁-namataxünabiaba-tsi₀...
 EssaMulher   3ACUSATIVO-EncontrarITERATIVAMENTE-4NOMINATIVO
 ‘essa mulher era cortejada...’

...pabia   itsa   pona-o₁
 NaRoça   quando   ir-3NOMINATIVO
 ‘...quando ia na roça’

O sujeito, portanto, passa de nominativo agente na construção básica a acusativo paciente na construção secundária. Estamos, segundo a definição acima proposta, frente a um fenômeno de voz. A passiva Sik é promocional na sintaxe (o paciente vai para sujeito), mas não na morfologia (o paciente fica no acusativo).¹⁶ O fato de a promoção ser só parcial decorre plausivelmente do tipo de motivação que determina a mudança de voz nessa língua: com a forma [Ø-VERBO-tsi₀] o falante almeja, antes de tudo e por razões diversas atreladas à semântica e à pragmática, relegar o participante agente da cena descrita. Essa necessidade é satisfeita com a simples desespecificação do sufixo nominativo, originalmente de primeira

¹⁶ A passiva Ute tem essa mesma característica (Givón 1981).

plural inclusiva. Quando a mudança de voz responde não a motivações funcionais como em Sik, e sim a motivações formais, as incidências na morfossintaxe dos constituintes da oração têm que ser mais drásticas. É o que veremos a seguir com o Kat.

3.3. Kat: antipassiva

A voz em Kat tem por finalidade permitir ao argumento que expressa o agente de verbo divalente – interno ao sintagma verbal, marcado com caso ergativo, em posição de objeto – acessar as oito propriedades formais que, precisamente, definem o sujeito nessa língua (veja 2.2.2). Para tanto, o argumento que expressa o agente é promovido sintaticamente a argumento externo e sujeito, além de ser promovido morfologicamente pela substituição do sufixo ergativo pelo zero absolutivo. De forma idêntica ao Sik, o verbo perde uma vaga de argumento mediante a saturação da posição morfológica representando o agente por uma forma não referencial. No caso, o prefixo **wa-**, o qual, diferentemente do **-tsi** em Sik, não pertence ao paradigma de pessoa.

- (38) **wa-pu-nin**   **piya**
 ANTIPASSIVO-comer-DURATIVO   homem
 ‘o homem está comendo’

O paciente, relegado pela presença de **wa-** e a subsequente promoção do agente, pode aparecer na forma de um sintagma nominal. Dependendo do dialeto, ocorrerá como objeto de uma posposição, (39), ou sem marca alguma, igual ao agente em Sik, (40).

- (39) **wa-wu**   **dyara**   **tukuna**   **anya-na=**   **katu**
 ANTIPASSIVO-querer   NãoÍndio   SerHumano   mulher-CasoMarcado=   SOCIATIVO
 ‘os não-índios gostam de mulheres Katukína-Kanamari’

- (40) **piya**   **wa-pu-nin**   **barahai**
 homem   ANTIPASSIVO-comer-DURATIVO   CarneDeCaça
 ‘o homem está comendo carne de caça’

Predizivelmente, sendo em Kat a motivação para a mudança de voz principalmente formal – promoção do participante agente –, as necessidades comunicativas fazem com que a expressão do participante paciente seja retida com muita mais frequência que a expressão do agente na passiva do Sik. Isso se traduziria no surgimento, em um dos dialetos (Katukína), de uma construção mais integrada na estrutura da oração, sob forma de sintagma posposicional.

Uma vez o participante agente promovido a absolutivo-tema-sujeito, ele tem acesso aos privilégios sintáticos identificados em 2.2.2. Para fins de comparação com as formas básicas ilustradas acima, dou aqui um exemplo de focalização e outro de correferência. (Em (42), o sujeito da antipassiva encontra-se inserido em uma sequência de sujeitos coreferenciais de orações intransitivas, entre elas a antipassiva.)

- (41) **Aro**   **kana**   **wa-nuhuk**   **a-obatyawa**   **kariwa-na=**   **ton**
 Aro   FOCALIZAÇÃO   ANTIPASSIVO-dar   3SINGULAR-esposa   NãoÍndio-CasoMarcado=   DESTINATÁRIO
 ‘Foi o Aro quem deu sua mulher ao não índio’

(42)	pa:dyi	ityaro-hi=	nuk,	wa-pu	Ø_i	niama,	koniohin	Ø_i	niama
	chegar	mulher-PLURAL	grupo	ANTIPASSIVO-comer		então	dançar		então
	'as mulheres _i chegaram, daí elas _i comeram, daí elas: dançaram _i '								

Pelos critérios adotados acima para a definição das relações gramaticais, temos na construção transitiva básica uma posição de sujeito codificada como absolutivo e expressando o paciente, que passa na construção secundária a expressar o agente. De novo, um fenômeno de voz. Portanto, a antipassiva Kat é promocional na morfologia (o agente vai para absolutivo) e na sintaxe (o agente vai para sujeito).

4. O agente

É de se notar que, a pesar de Sik e Kat serem radicalmente simétricas no que tange aos casos (nominativo/acusativo vs. absolutivo/ergativo), na projeção dos papéis semânticos sobre as relações gramaticais (agente-sujeito vs. paciente-sujeito), e até nos fenômenos de voz (passiva vs. antipassiva), o mecanismo morfológico que opera na mudança de voz é quase idêntico nas duas línguas: a saturação da posição de pessoa agente no verbo mediante uma forma desprovida de referência ("quase": em Sik a acepção referencialmente vácuca de **-tsi** é derivada da acepção referencial primeira inclusiva, em Kat **wa-** é uma forma alheia à categoria de pessoa). As duas línguas constroem sua alternância de voz sobre a evacuação do agente da morfologia verbal de pessoa – a primeira para relegá-lo, a segunda para promovê-lo. Primus (1999: 247) observa atinadamente que nas línguas, a final de contas, passiva e antipassiva trabalham identicamente em cima do status sintático do agente.

Como vimos, a mudança de voz é motivada em Kat pela necessidade de promover formalmente o participante agente de uma posição de argumento interno-ergativo a uma posição de argumento externo-absolutivo que lhe dê acesso aos privilégios sintáticos do sujeito (cf. 2.2.2). Ela tem como motivação secundária a necessidade funcional de relegar o participante paciente semanticamente *genérico* da posição de argumento nuclear externo a uma posição de adjunto. A antipassiva compete, nesse campo, com a estrutura oracional transitiva de alinhamento nominativo-acusativo mencionada acima, exemplo (11) reproduzido aqui como (44).

(43)	wa-toman	adu	wiri	katu	wa
	ANTIPASSIVO-matar	eu	queixada	COMITATIVO	FUTURO
	'eu vou matar queixada'				

(44)	barahai	tukman	Mayon
	CarneDeCaça	cortar	Mayon
	'Mayon cortou carne de caça'		

Pelo contrário, a mudança de voz em Sik responde a diversos condicionamentos nitidamente funcionais afetando o participante agente no sentido de sua menor especificidade (semânticos: não animado, genérico, abstrato; pragmáticos: óbvio, carente de interesse/pertinência, desconhecido, encoberto), o que se reflete, como já foi dito, na

simplicidade da parafernália formal: mera extensão da leitura dos padrões existentes. Por sua vez, a motivação sintática da passiva não deixa de estar presente: acesso do argumento expressando o paciente à sobretematização e à condição de antecedente preferencial de formas anafóricas.

A diferença entre as duas línguas no que diz respeito às razões pelas quais os falantes lançam mão da alternância de voz – forma em Kat vs. função em Sik – explica que Kat transmute substancialmente a estrutura da oração básica, enquanto Sik a deixe praticamente intacta, o argumento acusativo acessando a posição de sujeito pela simples desistência do argumento nominativo desespecificado. À guisa de sinopse tem-se:

(45)

	ANTIPASSIVA KAT	PASSIVA SIK
dispositivo formal básico	bloquear o acesso do participante agente ao seu paradigma verbal	
complexidade formal relativa	alta	baixa
motivação primária	formal (promover agente)	funcional (desespecificar agente)
motivação secundária	funcional (desespecificar paciente)	formal (promover paciente)

As línguas são prolixas em mecanismos destinados a relegar o participante agente (*cf.* uma amostra translinguística em Queixalós 2013: 40-46), bem mais do que em mecanismos destinados a relegar outros tipos de participantes, inclusive o paciente. O que, naturalmente, é sintomático de que o agente é proeminente no nível cognitivo e tende, em condições não marcadas, a ocupar uma posição também proeminente na estrutura argumental dos predicados verbais (*cf.* por exemplo, Givón 2001: 200). Semelhante proeminência, que plausivelmente se situa no âmbito da cognição, dá conta de forma simples das passivas do tipo Sik: expelir o agente de sua posição hierarquicamente alta na expressão dos participantes. Resta explicar como ela daria conta, em Kat, da promoção de um participante agente que ocupa uma posição hierarquicamente baixa na expressão dos participantes (argumento interno). A hipótese é que em uma arquitetura gramatical como a de Kat, em que a expressão do agente na oração básica se assemelha à do objeto direto das línguas nominativo-acusativas – sintagma nominal interno ao sintagma verbal, caso marcado, acesso restrito a operações sintáticas e ao controle da correferência –, em uma palavra, em um contexto de ergatividade homogênea na morfologia e na sintaxe, a proeminência cognitiva do agente – independente de qualquer arquitetura gramatical particular – requer um mecanismo produtivo em que esse participante venha ocupar a posição proeminente no âmbito da forma.¹⁷

¹⁷ E, além disso, já no plano da evolução das línguas, prepare o terreno para a reanálise da antipassiva em estrutura oracional transitiva básica, roteiro conhecido – mas não necessário – na diacronia da ergatividade (Queixalós 2013, entre outros).

5. Passiva e pessoa

Esta seção ilustra, com alguns exemplos de línguas, a frequência com que a categoria de pessoa é reciclada em ferramenta de construção dos equivalentes funcionais – até formais em algumas ocasiões – da passiva das línguas mais conhecidas. Considero a construção passiva em Sik como caso paradigmático deste tipo de reciclagem: a categoria de pessoa é manipulada de tal maneira – desespecificação – que o participante agente resulte sendo evacuado.

5.1. Tupinambá

Rodrigues (1999) descreve o prefixo verbal **ya-** da seguinte maneira:¹⁸

♦ Primeira pessoa inclusiva

(46) **ya-só**

INCLUSIVE-go
'we (1+2) went'

(47) **pirá**

fish
'we (1+2) caught fish'

ya-y-pösök

INCLUSIVE-RELATIONAL-catch

♦ Objeto-paciente “em foco”, sujeito marcado com **ya-**

(48) **móya**

snake
'a snake bit the woman'

kuyá

woman

ya-y-su?ú

INCLUSIVE?-RELATIONAL-bite

♦ Impessoalidade

(49) **ya-o-yuká**

3-RELATIONAL-kill
'somebody kills (Portuguese: 'matam')'

Em Couchili et al. (2002), o prefixo cognato **dza-** (~**dzo-**) do Emerillon é glosado “pessoa indefinida”:

(50) **dza-wata**

PERSONNEINDEFINIE-caminhar
'quando se caminha, se cansa'

nam

SUBORDONNANT

dzo-kane?õ

PERSONNEINDEFINIE-cansar

¹⁸ Conservo nos exemplos da amostra de línguas a seguir as glosas gramaticais dos autores, vertendo ao português as glosas lexicais e as traduções. (Para a primeira língua conservo também a versão inglesa da tradução). Importa observar as duas opções possíveis para glosar o conjunto de ocorrências de uma mesma forma. Barraza (Shawi) e Givón & Kawasha (Lunda) adotam uma glosa unitária, respectivamente DUAL e “they”. Já Rodrigues (Tupinambá) e Shibatani (Ainu) atribuem a cada ocorrência-função particular uma glosa particular, respectivamente {INCLUSIVE/INCLUSIVE?/3} (com signo de interrogação no original), e {1PLURAL/INDEFINITE/SPONTANEOUS/PASSIVE/2HONORIFIC}. Na minha análise do Sik adoto – e adotaria para as línguas da amostra se fossem minhas as análises – a opção unificadora, mais reveladora da maneira em que as línguas constroem, tanto diacrônica quanto sincronicamente, suas gramáticas.

O Tupinambá mostra um estágio diacrônico idêntico ao Sik, em que simplesmente uma pessoa plural inclusiva adquire uma acepção indefinida – talvez, mais acuradamente, não referencial – que serve toda vez que o argumento nominativo deve ser dissociado de qualquer referente específico, *sem* tornar obsoleta sua acepção original, referencial por excelência, de primeira pessoa plural inclusiva. O que não é o caso do Emerillon: mediante uma evolução facilitada por um prefixo **tsi-** que assumiu a acepção de primeira plural inclusiva, esta língua especializou o **dza-** na função de pessoa não referencial. Observando o Tupinambá a través desta grade alternativa de análise, a disparidade das ocorrências de **ya-** que delatam as glosas dos exemplos é só aparente: 1) a primeira plural inclusiva de (46)-(47) é a acepção básica do prefixo; 2) a “impessoalidade” de (49) é sua acepção não referencial; 3) o “objeto em foco” de (48) é uma construção que se alavanca na acepção não referencial de **ya-** para construir uma ferramenta gramatical destinada a fornecer um equivalente funcional da passiva. Havendo algum indício sobre o status sintático do sintagma nominal “cobra” em (48), poderia-se vislumbrar uma evolução – truncada, obviamente, pela história extralinguística – em que o participante agente, evacuado do núcleo oracional pelo prefixo **ya-**, se instância em uma posição ainda externa ao núcleo oracional para depois (no tempo da diacronia) se reincorporar ao mesmo como argumento, o que faria do **ya-** uma marca de inverso.¹⁹

5.2. Ainu

A passiva nesta língua é ainda mais parecida com a do Sik. O Ainu (Shibatani 1985) apresenta afixos verbais de primeira pessoa inclusiva, **-an** para intransitivos, **a-** para transitivos.

(51) itak-an

falar-1PLURAL²⁰ ‘nós [1+2(+3)] falamos’

(52) tampe

a-e-kore

isso 1PLURAL-2SINGULAR-dar

‘nós [1+2(+3)] te damos isso’

Eles sofrem um processo de desespecificação paralelo nas duas classes de verbos.

(53) tepeka

paye-an

Yak

Sat

ta

paye-an

aqui

ir-INDEFINITE

if

Saru

to

ir-INDEFINITE

‘quem passa por aqui [lit.: se alguém passar...] vai para Saru’

(54) tan

chep

anakne

a-satke

wa

a-eiwanke-p

un

este

peixe

TOPICALIZER

INDEFINITE-secar

and

INDEFINITE-utilizar-coisa

é

‘este peixe é algo que a gente [original inglês: ‘we’] seca e utiliza’

Isso permite obter construções assimiláveis a passivas. De um lado uma médio-passiva

¹⁹ Este roteiro diacrônico *prospectivo* já foi evocado para a passiva Sik (Queixalós 2000).

²⁰ *Sic*. O autor não contempla o traço “inclusivo” nas glosas.

(“spontaneous construction” nos termos do autor), sem possibilidade de explicitação do participante agente, (55). Do outro, formas já mais canônicas – mais gramaticalizadas – de passiva com participante agente instanciado por um sintagma posposicional, (57).

- (55) **pirka**   **hawe**   **a-nu**
 belo   voz   SPONTANEOUS-ouvir
 ‘uma bela voz se ouve’

- (56) **kamui**   **umma**   **raike**
 urso   cavalo   matar
 ‘um urso matou um cavalo’

- (57) **umma**   **kamui**   **orowa**   **a-raike**
 cavalo   urso   ABLATIVE PASSIVE-matar
 ‘um cavalo foi morto por um urso’

Até a extensão honorífica é partilhada pelo Ainu e o Sik. Ambas as línguas desespecificam o participante agente em configurações semânticas em que as duas pessoas intralocutivas interagem, uma como agente e a outra como paciente. A diferença entre as línguas consiste em que o Sik elimina a referência de primeira pessoa, (27), e o Ainu a referência da segunda – *com a mesma forma originalmente de primeira plural inclusiva* –, (59).

- (58) **a-e-kore**
 1PLURAL-2SINGULAR-dar
 ‘nós [1+2(+3)] te damos [algo]’

- (59) **a-en-kore**
 2HONORIFIC-1SINGULAR-dar
 ‘tu me das [algo]’

5.3. Shawi

Barraza (2005: 214 e seg.) identifica em Shawi (ou Chayahuita, família Cahuapana) “quatro pessoas gramaticais”, primeira, segunda, terceira e dual inclusivo. A autora mostra que a forma afixal do argumento nominativo de pessoa dual inclusiva, **-i**, serve, além do seu significado básico, (60) e (61), para a desespecificação do participante único de verbo intransitivo, (62), e do agente de verbo transitivo, (63), gerando, nesta última ocorrência, um equivalente funcional da passiva.

- (60) **tahši**   **imin-ki**   **wiʔi -r-i**
 noite   roça-LOCATIVO   dormir-INDICATIVO-DUAL
 ‘à noite tu e eu dormimos na roça’

- (61) **kanpu**   **niʔniʔ**   **inan-r-i**
 1+2   onça   caçar-INDICATIVO-DUAL
 ‘tu e eu caçamos uma onça’

- (62) **imin-ki**   **sahkata-r-i**
       roça-LOCATIVO   trabalhar-INDICATIVO-DUAL
       ‘na roça se trabalha’
- (63) **tanan-ki**   **ni?ni?**   **tihipa-r-i**
       mato-LOCATIVO   onça   matar-INDICATIVO-DUAL
       ‘no mato mata-se onça’²¹

Como em Sik, a passiva em Shawi só é admissível se o argumento acusativo for de terceira pessoa. Mas à diferença do Sik, o participante agente é estritamente proscrito da instanciação por um sintagma nominal.

Passemos agora a um exemplo de passiva que, embora encaixe perfeitamente nos moldes das passivas vistas acima em termos de saturação da posição de argumento nominativo por uma marca pessoal desespecificada (Sik, Tupinambá, Ainu, Shawi), lança mão não do inclusivo e sim do plural de terceira.

5.4. Lunda

Possivelmente, e visto que as línguas que conhecem a clusividade são em menor número que as línguas que possuem a distinção de número na categoria de pessoa, a maneira Lunda (Bantu; Givón & Kawasha 2006: 140) de construir a passiva seja mais frequente interlinguisticamente do que a maneira Sik. Os verbos transitivos se flexionam obrigatoriamente em pessoa e número do argumento nominativo, independentemente de sua instanciação por um sintagma nominal. O argumento acusativo é representado ora por um sintagma nominal, ora pela flexão verbal. Compare-se (64) e (65).

- (64) **Joni**   **wa-a-mona**   **Mari**
       João   s/he-PAST-ver   Maria
       ‘João viu Maria’
- (65) **a-a-mu-mona**
       they-PAST-him/her-ver
       ‘eles/elas o/a viram’

O argumento nominativo de terceira pessoa plural, expresso por **a-**, se desespecifica de tal modo que o prefixo se torna uma forma vácuca cujo papel consiste simplesmente em barrar qualquer referente do acesso à posição morfológica de participante agente (saturação). É o que ilustra a tradução de (66) com as duas leituras, referencial e não referencial. Note-se que o “paciente” se realiza como o sintagma nominal sobretematizado **Mari**. A utilização do prefixo nominativo desespecificado como ferramenta de construção da passiva – em suma, sua gramaticalização como operador de passiva – é mais completa do que no caso dos Sik, Tupinambá e Shawi,²² já que, à semelhança do Ainu, o participante agente

²¹ Não há indicação sobre a possibilidade de que este exemplo possa ter uma leitura de acontecimento. Mas em apresentação oral (Barraza 2002), a autora propõe a mesma estrutura, **imin-ki kemaru?sa tihipa-r-i**, na roça/Aguarunas/se mataram, para “na roça Aguarunas foram mortos”.

²² Pelo menos no nível da codificação. Não disponho de dados propriamente sintáticos.

pode ser expresso na forma de um sintagma marcado obliquamente, além de o sintagma nominal que expressa o paciente ser admitido em posição inicial sem prosódia marcada, uma prerrogativa do sujeito, (67).

- (66) **Mari, a-a-mu-mona**
 Maria they-PAST-him/her-ver
 ‘Maria, eles / elas a viram ~ Maria, ela foi vista’
- (67) **Mari a-a-mu-mona kudi-Joni**
 Maria they-PAST-him/her-see DATIVE-João
 ‘Maria foi vista por João’

5.5. Kat

Considerarei dados desta língua para demonstrar que tudo que é desespecificação do participante agente não se equipara com voz, segundo sua definição proposta acima (3.1).²³ Com certa frequência os falantes de Kat precisam, como os de qualquer outra língua, desespecificar o agente. Eles fazem isso à moda do Lunda, tirando a referência da forma pessoal de terceira plural, *sem ir mais longe*. Ao lado da acepção referencial de (68), temos a ocorrência não referencial de (69). Mãe e filho no mato:

- (68) **ma-hi:kna niama wiri**
 3PLURALERGATIVO-ver então queixada
 ‘então, eles viram a queixada’

Surpresa da dona da miçanga sumida:

- (69) **ma₀-dahu tyowipikon!**
 3PLURALERGATIVO-levar miçanga
 ‘alguém levou a miçanga!’

É claro que em contextos apropriados, esses dois exemplos também podem significar, respectivamente: “alguém viu a queixada” e “eles levaram a miçanga”. No que diz respeito ao “ir mais longe”, podemos supor que, como em Lunda, a marca de terceira plural em (69) não só se desespecificaria como também se tornaria um operador gramatical de passiva, a posição de sujeito sintático sendo assumida pelo argumento expressando o paciente, o absolutivo. Em Kat isso não pode acontecer porque já é o caso: o argumento absolutivo tem de fato o status de sujeito sintático. Em outras palavras, a relegação do participante agente não afeta no mais mínimo a relação do sujeito com seu predicado por ser o Kat uma língua sintaticamente ergativa.

²³ Na verdade, a generalização adequada seria: tudo que é desespecificação de um participante nuclear não se equipara com voz. Assim, nem a relegação do agente dá necessariamente uma passiva, nem a relegação do paciente uma antipassiva. Falta espaço aqui para implementar este segundo aspecto, mas veja a seção 6.

6. Discussão

Duas línguas tipologicamente simétricas do ponto de vista das relações gramaticais tiram partido da manipulação do paradigma de pessoa expressando o participante agente dos verbos transitivos para construir sua voz intransitivizante. O texto tenta mostrar esse paralelismo, após ter fornecido uma visão sinóptica da arquitetura gramatical de ambas as línguas e sugerido uma definição das mudanças de voz. A explicação da similitude entre os dois mecanismos de codificação da voz residiria na proeminência cognitiva do participante agente, que com uma alta frequência precisa ser 1) atenuada lá onde esse participante é *morfossintaticamente* privilegiado – organização nominativo-acusativa –, ou 2) restaurada lá onde o mesmo é, ao contrário, *morfossintaticamente* subalterno (objeto em Kat, por exemplo) – organização absolutivo-ergativa.

A questão de saber se 1) uma língua de alinhamento nominativo-acusativo pode ter uma construção antipassiva e, simetricamente, se 2) uma língua de alinhamento absolutivo-ergativo pode ter uma construção passiva, recebe, no meu ver, uma resposta bifacetada e assimétrica.

Tem-se sugerido uma resposta afirmativa para 1), por exemplo no polonês (Janić 2008; veja também Lazard 1989 sobre esta ideia). Essa abordagem só é plausível se a voz é vista como mera mudança de estrutura argumental, em um mesmo plano que a incorporação nominal, o reflexivo, aplicativo, causativo, etc., sem considerar o conceito de orientação do predicado, isto é, a especificidade da relação entre um dos argumentos e seu predicado, presente em algumas línguas e em outras não (paralelamente, Mithun 2006 assume que a existência da passiva não está atrelada à existência do sujeito.²⁴) Já a resposta a 2) é inescapavelmente afirmativa: a passiva é um recurso natural em uma língua que, embora absolutivo-ergativa na codificação, é nominativo-acusativa na sua sintaxe, que é o caso da imensa maioria das línguas qualificadas de ergativas, mas não do Kat.

A manipulação da categoria de pessoa para fins de mudança de voz é algo comum, umas línguas reciclando a primeira plural inclusiva, outras a terceira plural (ainda outras lançando mão de formas não pessoais, mas interferindo no paradigma de pessoa, como é o caso do Kat com o prefixo *wa*-²⁵). Resta elucidar se esses dispositivos estão em distribuição complementar interlinguisticamente: a terceira plural só seria utilizada nos sistemas carentes de clusividade. O emprego do inclusivo para os processos de desespecificação não deixa de parecer à primeira vista paradoxal, já que tendo como referente os participantes do ato de comunicação, o inclusivo é por excelência referencial. Se repararmos que a noção de humano é consubstancial a esse referente intralocutivo, vemos que a categoria de inclusivo se presta para generalizar em direção à classe dos humanos, e daí às classes mais e mais abrangentes e, afinal, abstratas.

²⁴ Mais precisamente, à existência de relações gramaticais. As línguas de alinhamento nominativo-absolutivo (ou ativo-estativo, cf. Queixalós 2013: 10, 75), e principalmente as de morfologia rica, tendem a carecer de relações gramaticais (Van Valin 1985) e, por via disso mesmo, de mudanças de voz no sentido aqui proposto.

²⁵ Ou o francês, com *on* (veja 6).

Nada disso é realmente estranho. As línguas românicas, por exemplo, possuem muitos dos traços aqui exibidos em relação a línguas pouco conhecidas. O vínculo entre terceira plural e passiva está sendo aproveitado por variedades do espanhol em que a passiva canônica perde fôlego (jornal peruano: **reforman el sistema científico argentino**). O vínculo entre “humano”, primeira plural (inclusiva ou não) e desespecificação é manifestado no português do Brasil pelas diversas acepções de **a gente**, e no francês oral pela multifuncionalidade de **on** – cujo étimo, latim ‘homem’, deu também um **hom** em catalão algo menos gramaticalizado do que o **on** francês. Nesse grupo de línguas, a intervenção de uma forma não pessoal no paradigma de pessoa com fins de mudança de voz é espetacular nas variadas construções médias obtidas, tanto em verbos transitivos quanto intransitivos, graças à forma originalmente reflexiva **se**.

Referências

- Barraza, Yris (2002). *Relación 1ª persona agente y 2ª persona paciente en shawi*. Iquitos: FORMABIAP, Seminario anual de Lingüística.
- Barraza, Yris (2005). *El sistema verbal en la lengua shawi*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco (Tese de doutorado). Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7747>
- Couchili, Ti'iwán; Maurel, Didier; Queixalós, Francesc (2001-2002). Classes de lexèmes en émérillon. *Amerindia Revue d'Ethnolinguistique Amérindienne* 26/27: 173-208.
- Givón, T. (1981). Typology and functional domains. *Studies in Language* 5(2): 163-193.
- Givón, T. (2001). *Syntax: An introduction* I. Amsterdam: John Benjamins.
- Givón, T.; Kawasha, Boniface (2006). Indiscrete grammatical relations. The Lunda passive. In Tasaku Tsunoda; Taro Kageyama (eds.). *Voice and grammatical relations*, pp. 15-41. (Typological Studies in Language 65). Amsterdam: John Benjamins.
- Hagège, Claude (1982). *La structure des langues*. Paris: PUF.
- Janić, Katarzyna (2008). Do antipassive constructions exist in Polish? *3rd International Conference: "Perspectives on Slavistics" in Hamburg*, Universität Hamburg, August 28-31, 2008.
- Lazard, Gilbert (1989). Transitivity and markedness: the antipassive in accusative languages. In Olga Mišeska Tomić (ed.). *Markedness in synchrony and typology*, pp. 309-331. (Trends in Linguistics. Studies and Monographs). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Lazard, Gilbert (1997). Actance, diathèse : questions de définition. *Bulletin de la Société de linguistique de Paris* 92(1): 115-136.
- Mithun, Marianne (2006). Voice without subjects, objects, or obliques: Manipulating argument structure in Agent/Patient systems (Mohawk). In Tasaku Tsunoda; Taro Kageyama (eds.). *Voice and grammatical relations*, pp.195-216. (Typological Studies in Language 65). Amsterdam: John Benjamins.
- Primus, Beatrice (1999). *Cases and thematic roles: Ergative, accusative and active*. (Linguistische Arbeiten 393). Tübingen: Niemeyer.
- Queixalós, Francesc (1998). *Nom, verbe et prédicat en sikuani*, Louvain: Peeters.

Queixalós, Francesc (2000). *Syntaxe sikuni*. Louvain: Peeters.

Queixalós, Francesc (2010). Grammatical relations in Katukina-Kanamari. In Spike Gildea; Francesc Queixalós (eds.). *Ergativity in Amazonia*, pp. 235-284. (Typological Studies in Language 89) Amsterdam: John Benjamins.

Queixalós, Francesc (2012). Antipassive in Katukina-Kanamari. In Gilles Authier; Katharina Haude (eds.). *Ergativity, valency and voice*, pp. 227-258 (Empirical Approaches to Language Typology 48). Berlin: Mouton de Gruyter.

Queixalós, Francesc (2013). *L'ergativité est-elle un oiseau bleu?* (LINCOM Studies in Typology 26). Munich: LINCOM Europa.

Queixalós, Francesc (2014). O papel da categoria de pessoa nas mudanças de voz: Sikuni e Katukina-Kanamari. *Signótica* 26(2): 353-378.

Queixalós, Francesc (no prelo a). What being a syntactically ergative language means for Katukina-Kanamari. In Jessica Coon; Lisa Travis; Diane Massam (eds.). *The Oxford Handbook of Ergativity*. Oxford: Oxford University Press.

Queixalós, Francesc (no prelo b). Valence in Katukina-Kanamari noun phrases and the nature of genitive classifiers. In Francesc Queixalós; Dionei Gomes (orgs.). *A estrutura do sintagma nominal nas línguas amazônicas*. Campinas: Pontes.

Queixalós, Francesc; Gildea, Spike (2010). Introduction. In Spike Gildea; Francesc Queixalós, (eds.). *Ergativity in Amazonia*, pp. 1-25. (Typological Studies in Language 89) Amsterdam: John Benjamins.

Rodrigues, Aryon D. (1990). You and I = Neither You nor I: The personal system of Tupinamba. In Doris L. Payne (ed.). *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*, pp. 393-405. Austin: University of Texas Press.

Shibatani, Masayoshi (1985). Passives and related constructions: A prototype analysis. *Language* 61(4): 821-84.

Silva, Zoraide dos Anjos G. da (2011). *Fonologia e gramática katukina-kanamari*. Vrije Universiteit Amsterdam (Tese de doutorado). Disponível em: www.lotpublications.nl/Documents/281_fulltext.pdf

Steele, Susan (1989). Subject values. *Language* 65(3): 537-578.

Van Valin, Robert D. (1985). Case marking and the structure of the Lakota clause. In Johanna Nichols; Anthony C. Woodbury (eds.). *Grammar inside and outside the clause*, pp. 363-413. Cambridge: Cambridge University Press.

Recebido: 27/8/2014

Versão revista e corrigida: 17/2/2016

Aceito: 20/2/2016